

ANÁLISE PALEOGRÁFICA DO CÓDICE *VERGIILIUS ROMANUS* (4?? D. C): NOTAS PRELIMINARES

Ariel Montes Lima (UFMT)
gabrielfelipe0308@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa analisar o sistema de escrita empregado na confecção do códice *Vergilius Romanus*. A metodologia usada foi a análise documental, aliada à revisão de literatura. Para tanto, apresentamos o cotejo do alfabeto utilizado pelo escriba, demonstrando suas idiosincrasias caligráficas. Assim, elaborou-se uma tabela contendo a transcrição do alfabeto caligráfico, empregado no texto em comparativo com a forma de escrita contemporânea. Como base, tomamos os trabalhos de Cambraia (2005), Andrade (2009) Dias e Bivar (2005) e Gazziero Tomazi (2022). Como resultado, foi possível identificarmos variações na forma de se escrever a mesma letra. Também demonstramos a maneira de escrever empregada no Séc. V, evidenciando a evolução da técnica situada temporalmente.

Palavras-chave:

Paleografia. Poesia Latina. Virgílio Maro.

ABSTRACT

This article aims to analyze the writing system used in the making of the codex *Vergilius Romanus*. The methodology used was document analysis combined with literature review. For that, we present the collation of the alphabet used by the scribe, demonstrating his calligraphic idiosyncrasies. Thus, a table was prepared containing the transcription of the calligraphic alphabet used in the text in comparison with the contemporary writing form. As a basis, we take the works of Cambraia (2005), Andrade (2009) Dias e Bivar (2005) and Gazziero Tomazi (2022). As a result, it was possible to identify variations in the way of writing the same letter. We also demonstrate the way of writing used in the Century. V, showing the evolution of the temporally situated technique.

Keywords:

Palaeography. Latin Poetry. Vergil Maronis.

1. Introdução

Há uma relativa concordância entre os estudiosos da filologia a respeito da timidez dos estudos em língua portuguesa voltados à paleografia de textos latinos (Cf. Lima, 2023). Na verdade, quando em frente a tal problema, costuma destacar-se o estudo dos fólhos escritos no medievo na variante eclesiástica do latim. Desse modo, a literatura clássica de Roma recebeu menor atenção no âmbito dos estudos filológicos brasilei-

ros: algo bastante prejudicial, dada sua relevância histórica e seu legado cultural para a cultura brasileira, herdeira da cultura lusitana (Cf. Nascimento, 1961).

Nessa perspectiva, chamamos atenção para os trabalhos de Funari (1999), Cambraia (2005) e Spina (1977). Esses, ainda que produzidos no século passado à exceção de Cambraia, no início do século XXI, permanecem sendo base de estudos contemporâneos na filologia brasileira: o que enfatiza a necessidade de estudos mais robustos em face das transformações sociais experimentadas no modo de pensar a filologia.

Diante disso, o presente artigo visa analisar, pela luz da paleografia, o códice *Vergilius Romanus* (4?? d. C), o qual se encontra na Bibliotheca Apostolica Vaticana e cuja edição fac-similada está disponível *online* em sua página digital. O manuscrito em questão possui cerca de 309 fólios. Sua confecção data do século V – no início da Idade Média –. O texto foi escrito em Latim Clássico (LC), configurando uma cópia apógrafa da obra de Virgílio Maro com um anexo final nomeado *Appendix Vergilianus*.

Objetivamos, por meio do presente escrito, oferecer subsídios a posteriores estudos em língua portuguesa da obra do poeta mantuano sob a perspectiva das ciências filológicas; dado o já referido estado de carência de trabalhos acerca desse tema. Assim sendo, nos detemos sobre o modo como o texto foi escrito. Nossa análise consiste em identificar as formas gráficas do alfabeto utilizado no período, considerando o uso corrente ao tempo da escrita do documento e as particularidades estilísticas do próprio escriba.

2. Desenvolvimento

2.1. A Paleografia

Sabe-se que a etimologia da palavra paleografia provém do grego *palaio*s, antigo, e *graphien*, escrita, de modo que “paleografia é a ciência que estuda a escrita antiga” (Dias; Bivar, 2005, p. 12).

Cambraia (2005, p. 23) corroborou com essa perspectiva ao dizer que a paleografia estuda a escrita das línguas antigas. Todavia, acrescenta as dimensões teórica e prática com sua inserção no mundo moderno:

Teórica, porque expressa a “preocupação em se entender como se constituíram sócio historicamente os sistemas de escrita”; pragmática, já que visa à “capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita”, além de interpretar de maneira adequada as escritas antigas (Cf. Andrade, 2009, p. 150).

Gazziero Tomazi (2022, p. 67) ainda enfatizou ser a paleografia responsável, então, pela classificação da escrita e datação; descrição das características da escrita como o seu traçado ou *ductus*, a morfologia das letras, o ângulo da escrita, o módulo ou dimensão das letras e o peso em relação ao traçado da escrita.

Com base em tais conhecimentos, podemos destacar o papel historiográfico da paleografia, uma vez que o traçado das letras, o sistema de pontuação e o estilo de escrita revelam valiosas informações sobre as circunstâncias nas quais um documento foi concebido.

2.2. História dos Sistemas de Escrita

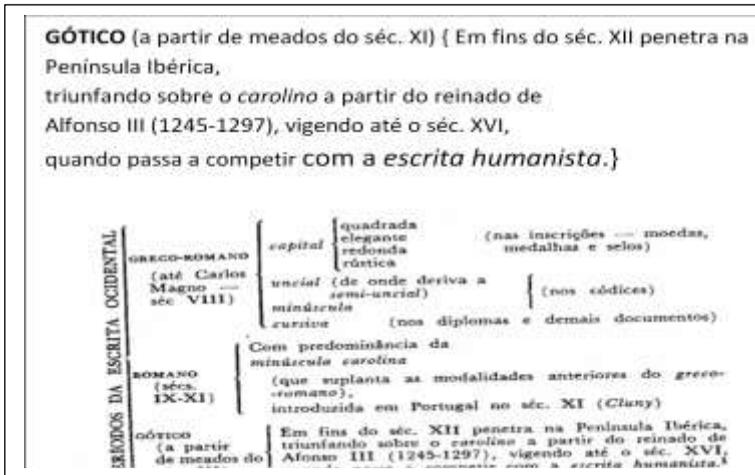
De acordo com Spina (1977), a escrita europeia pode ser dividida em três grandes períodos: Greco-romano (?- VIII d. C.)⁴⁰, Romano (IX-XI d. C) e Gótico (XI-XVI). No séc. XVI, com a emergência da escrita humanística, surge uma grande variedade de formas e estilos para as letras, cujo desenvolvimento culminou em uma pluralidade dificilmente congregável em uma única designação. Abaixo, apresento o quadro com a síntese das informações relativas à datação dos períodos de ascensão dos estilos de escrita:

Figura 1: Os Períodos da Escrita ocidental.

GRECO-ROMANO (até Carlos Magno – séc VIII) {capital {quadrada elegante redonda rústica (nas inscrições – moedas, medalhas e selos) uncial (de onde deriva a semi-uncial) (nos códices) minúscula cursiva (nos diplomas e demais documentos)}

ROMANO (sécs. IX-XI) {Com predominância da minúscula carolina (que suplanta as modalidades anteriores do greco-romano), introduzida em Portugal no séc. XI (*Cluny*)}

⁴⁰ O autor enfatiza que não é possível situar com precisão a origem dessa forma de escrever.



Fonte: elaboração da autora a partir de Spina (1977, p. 36).

O códice aqui trabalhado foi concebido no séc. V, tendo se perdido a data exata de sua composição. O documento é apógrafo, isto é: não possui a identificação do escriba. Ele foi escrito em letra capital rústica em Latim Clássico, variante essa que, de acordo com Weiss (2009), esteve em uso até o séc. IV d. C.

A letra em questão é um dos estilos de escrita usados na Antiguidade Romana, particularmente entre os séculos I e VI d.C. Era uma variação da *capital quadrata*, mas com traços mais simplificados e adaptados para a escrita rápida com pincel ou pena (Cf. Bewanger; Leal, 2020 e Fonseca, 2009). *Vide* abaixo a reprodução fac-similada de seu fólio 01:

Figura 2: Ms. 1, fólio 1r.



Atualmente, esta letra tem sido grafada na variante culta (LCC), sua edição *primeira* é muito mais antiga,

sendo situada, aproximadamente, entre os anos 41-37 a. C. Assim, o uso do LC não pode ser entendido como padrão, mas sim dentro de uma dimensão de língua-de-cultura.

2.3. O Sistema Usado No Códice Vergilius Romanus

Nessa subseção apresentamos as correspondências entre a caligrafia do escriba e as letras do alfabeto latino. As letras que se apresentam escritas de maneiras distintas ao longo do texto serão apresentadas em ambas as formas.

Tabela 01

MANUSCRITO	CORRESPONDENTE
	A
	B
	C
	D
	E
	F
	G
	H

	I
	L
	M
	N
	O
	P
	Q
	R
	S
	T
	V
	X

		Y
		Z

Elaboração da autora.

O escriba emprega o alfabeto latino clássico. O texto foi escrito, como já apontado, em letra capital rústica, sem marcação de minúsculas. A escrita é regular, com poucas idiossincrasias resultantes de desvios do escriba. Em poucas ocasiões somente, se pode perceber a redução no tamanho das letras finais do verso: ação desempenhada devido ao comprimento da sentença frente à folha.

Sem embargo, a caligrafia usada oferece dificuldades na diferenciação das letras “T”, “I” e “P”. Além disso, dada a estrutura linguística do LC, não se encontram presentes as letras “j”, “u”, “k” ou “w”. Tal fato se justifica pela ausência desses sinais gráficos na escrita latina da época. Na verdade, somente foram incluídos tardiamente “j” e “u” na língua (Cf. Spina, 1977; Drigo, 2017).

Ademais, a estrutura textual não possui espaçamento entre as letras, nem tampouco sinais de pontuação de qualquer natureza. Isso pode vir a dificultar a leitura, tornando o estudo prévio imprescindível para a compreensão dos manuscritos.

Por outro viés, quando confrontados com os textos da Idade Média, podemos perceber a relativa facilidade de compreensão dos manuscritos antigos, dada sua simplicidade gráfica (Cf. Lima, 2018). Esse, porém, é um fator ambíguo, já que a ausência de elementos organizacionais da frase (como pontuação, distinção de maiúscula e minúscula e espaçamento entre palavras) pode propiciar equívocos na interpretação dos textos. Esse é um problema encontrado, inclusive, no âmbito das edições realizadas *a posteriori* dos textos preservados da Idade Antiga.

Ademais, interessa pontuarmos que o texto aqui analisado não possui datação exata (Cf. Wright, 1992), sendo colocado em um período no qual ocorria o declínio do *modus vivendi* antigo e a ascensão da forma medieval das sociedades europeias se organizarem. Assim, a escrita empregada destoa da forma então praticada (Spina, 1977), sublinhando a singularidade do códice.

Nesse sentido, Basseto (2001) argumentou ser imprescindível ao filólogo o conhecimento aprofundado sobre a multiplicidade de formas como o texto – objeto de seu estudo - pode se apresentar historicamente. Assim, compreender a estrutura primitiva de escrita da língua latina e, por conseguinte, de suas descendentes possibilita, também, um melhor entendimento acerca dos rumos tomados pela escrita ao largo da história humana.

Enfim, ressaltamos o caráter propedêutico de nossa análise, tal que salientamos ser possível a realização de diversas outras análises da obra aqui estudada a partir de múltiplas óticas e abordagens. Ao mesmo tempo, também reafirmamos a necessidade de mais estudos em língua portuguesa acerca do manuscrito em questão, haja visto que poucos trabalhos foram encontrados a seu respeito.

3. Conclusão

A título de conclusão, podemos observar que o sistema de escrita empregado segue o modelo vigente no Período Clássico (capital rústico), embora esteja situado historicamente no período de emergência do estilo uncial e cursivo (Séc. V).

O alfabeto usado é de fácil leitura, embora o sistema não possua espaçamento ou pontuação entre as palavras. Além disso, o traço da mão é contínuo, com poucos desvios e variantes para os mesmos signos: o que facilita a leitura do texto.

Enfim, podemos entender que o sistema alfabético latino enriqueceu seu sistema ao longo de sua evolução, através do acréscimo de letras de outros sistemas e por meio da evolução do uso das formas minúsculas, traço corrente na escrita contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. A. de. *Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 10-11, p. 149-72, [S.l.], 2009. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p149-172.

BASSETO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: EDUSP, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CCEQFhAeEB1KBahBGABQ9gFY91VgzFhoAXABeACAAfEUiAG2
LZIBDTItNC4zLjAuMi45LTGYAQCgAQHIAQjAAQE&scient=gws-
wiz-serp.

NASCENTES, A. A filologia Românica no Brasil. *Revista Letras*. [S.n.], 1961. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19881/13107>.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo, Cultrix/USP, 1977.

WEISS, M. *Outline of the Historical and Comparative Grammar of Latin*. New York/Ann Arbor: Beech Stave Press, 2009.

WRIGHT, D. H. *Codicological notes on the Vergilius Romanus*. Vat. lat. 3867. Biblioteca Apostolica Vaticana, 1992.

Outra fonte:

VERGILIUS ROMANUS. Bibliotheca Apostolica Vaticana. Vat.lat.3867. Disponível em: [Vat.lat.3867 | DigiVatLib](https://www.vatican.va/roman_curia/library/digital/vatlat/vatlat_3867/vatlat_3867_01.htm).